Situação-problema 1:

A família da Alejandra é uma dentre milhares que sofrem com a crise na Venezuela. Falta produtos nos supermercados e farmácias, sem contar as filas enormes nas portas desses estabelecimentos por todo o país. A escassez de produtos em nível nacional alcança 40%, podendo chegar, em alguns casos, a 80%. Em itens que fazem parte da cesta básica como ovos, farinha e arroz, além de produtos básicos como papel higiênico e remédios, não se trata nem de escassez, mas de ausência total. Cada vez mais dependente de importações e sem dinheiro para isso a questão do desabastecimento no país se agravou. Soma-se a isso a hiperinflação, que faz com que os salários já não sejam mais suficientes para sobreviver, além de toda a tensão política entre governo e oposição.

Para fugir da crise e tentar melhorar de vida, Alejandra pensa que a saída é migrar com o marido e os dois filhos para outro país, mas não sabe como será recebida e se conseguirá um lugar para ficar e trabalhar. Além disso, migrar para onde? Ouviu dizer que para o Equador está difícil, pois precisa de passaporte e o governo venezuelano não está emitindo por falta de papel. Para o Brasil, um pouco mais distante, viu que alguns moradores expulsaram imigrantes, pois o fluxo estava grande e gerando problemas. Talvez a saída seja a Colômbia, para onde foi a maioria dos venezuelanos, já que o idioma é o mesmo, está mais próxima, as cidades são de maior porte, com condições econômicas e políticas estáveis e, provavelmente com maiores possibilidades.

Segundo as Nações Unidas, entre janeiro de 2014 e junho de 2018 cerca de 2,3 milhões de venezuelanos abandonaram o país em direção a países vizinhos como a Colômbia e o Brasil ou próximos, embora não fronteiriços, como Equador e Peru.

Esse é um lado da migração, mas e o outro? **Como a crise na Venezuela e o aumento da migração impacta os países vizinhos e suas relações?**

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

Situação-problema 2:

Nicolás Maduro assumiu formalmente em 10 de janeiro de 2019 a presidência da Venezuela até 2025 rejeitado por Estados Unidos, União Europeia e a maioria dos Governos da região. Em seu discurso, defendeu a legitimidade de seu segundo mandato agarrando-se ao apoio da China, Rússia, Turquia e em busca do apoio do México e também atacou: "já surgiu um novo mundo que se nega a se submeter aos ditames imperiais e hegemônicos de uma única nação e seus países satélites. O povo decidiu ser livre, independente, anti-imperialista a qualquer custo" e continuou "o mundo é maior que o império norte-americano e seus satélites. Aqui esse mundo está presente" (El País, 11 jan. 2019).

A economia da Venezuela já estava bastante fragilizada desde agosto de 2017 quando os Estados Unidos impuseram sanções ao país e a alguns cidadãos. O governo americano proibiu a realização de transações com títulos da dívida venezuelana e compra de bônus da estatal petroleira PDVSA. Após a reeleição polêmica de Maduro, as sanções foram aprofundadas com a limitação da venda de dívida e ativos públicos do governo venezuelano em território americano, o que dificulta e muito que novos empréstimos sejam feitos à Venezuela e que o país consiga vender novos ativos e renegociar dívidas. No entanto, os EUA continuam sendo um dos principais importadores de petróleo do país.

Por outro lado, caças bombardeiros russos, com capacidades para levar armas atômicas, aterrissaram na Venezuela no final de 2018, além da promessa de novos empréstimos e investimentos. O país é cliente da indústria militar russa desde a época de Hugo Chaves.

Qual o significado geopolítico da aproximação da Venezuela com a Rússia? Por que apesar das várias sanções, Trump não impõe uma sobre a importação do petróleo venezuelano?

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____